

ESPAÇO | SOCIALISTA

Nº 77 - Abril de 2015
Contribuição: R\$ 1,00

Organização Marxista Revolucionária

Nem com esses



Nem com esses



Lutar por direitos!

CONJUNTURA NACIONAL

**TODOS OS DIAS NA LUTA CONTRA O
CAPITALISMO**

EDUCAÇÃO FEDERAL

**OS CORTES DE VERBAS E AS CONDIÇÕES DE
TRABALHO**

PETROBRÁS, EMPREITEIRAS, PARTIDOS...

**É POSSÍVEL ACABAR COM A CORRUPÇÃO NO
CAPITALISMO?**

PROFESSORES

**GREVES PELO PAÍS ENFRENTAM A
AUSTERIDADE DOS GOVERNOS**

JUVENTUDE

**CONSTRUINDO O COLETIVO PRIMAVERA
SOCIALISTA**

VIGILÂNCIA NA INTERNET

**MILITARIZAÇÃO DA INTERNET E A REPRESSÃO
PELA REDE MUNDIAL DE COMPUTADORES**

NEM IMPEACHMENT, NEM GOLPE, NEM PT. CONTRA OS ATAQUES AOS DIREITOS: UNIDADE DA CLASSE TRABALHADORA

O ponto de partida para entender a atual situação política no Brasil é a economia. O PIB (Produto Interno Bruto, a soma de todos os produtos e serviços realizados no país ao longo do ano) de 2014 ficou estagnado, com crescimento de 0,1% (segundo dados atualizados do IBGE, disponíveis também em www.folha.uol). A média do crescimento do PIB no primeiro mandato de Dilma, de 2011 a 2014, foi de 2,2%, isto é, o pior resultado de todos os presidentes desde Collor entre 1990-92, que foi de -1,29% (globo.com). A queda do crescimento é inaceitável numa economia capitalista, pois o capital só pode existir se conseguir se reproduzir de maneira ampliada, como mais capital, mais valia ou lucro. O dinheiro precisa gerar mais dinheiro, através da exploração do trabalho para produção e circulação de mercadorias. A ausência de crescimento é sinônimo de crise.

O modelo de crescimento adotado desde a crise mundial deflagrada em 2008, no final do segundo mandato de Lula e ao longo do primeiro governo Dilma, esteve baseado no aumento do consumo interno, através do endividamento. Uma parcela dos trabalhadores e a "classe média" tomaram dinheiro emprestado nos bancos para comprar casas, carros, eletrodomésticos e isso manteve o crescimento da economia por algum tempo. A porcentagem do crédito em relação ao PIB chegou a 58% em 2014 (dados do Banco Central). Em 2003, essa porcentagem era de 24,7% (exame.abril.com.br). Desde o ano passado, esse modelo não está mais funcionando, pois existe um limite além do qual não é mais possível seguir se endividando. É esse cenário que produz a instabilidade e o acirramento da luta de classes que estamos vivendo e cuja tendência é que se aprofunde.

NÃO EXISTE GOLPE EM ANDAMENTO

A queda no crescimento afeta todas as classes sociais, mas de maneiras diferentes. A alta burguesia, os bancos, o agronegócio, as empreiteiras, as

montadoras e grandes empresas transnacionais, que controlam os partidos e o Estado, impuseram ao governo Dilma, ainda nas eleições de 2014, o perfil do mandato seguinte: a entrega dos ministérios diretamente a cada fração da burguesia (Joaquim Levy, do Bradesco, no Ministério da Fazenda, Kátia Abreu, do Latifúndio, no Ministério da Agricultura, e assim por diante) e um pacote de ajuste contra os trabalhadores, como condição para apoiar o governo.

O PT se comprometeu a aplicar esse programa dos grandes capitalistas e é por isso que permanece como governo. Afirmamos categoricamente que não existe um processo de golpe em andamento contra o PT. A ameaça de golpe é o pretexto para uma chantagem do PT contra a oposição de esquerda, exigindo que se coloque em defesa do governo.

O processo de impeachment também não está colocado, é um pretexto de uma parcela da burguesia para pressionar o governo a ser mais obediente aos interesses dos grandes capitalistas e busca desgastar o PT para as eleições de 2018. Os principais porta-vozes do capitalismo mundial, as revistas "The Economist" e "Forbes", publicaram matérias em que se colocam contra o impeachment de Dilma ou o consideram pouco provável (ver www.economist.com e www.forbes.com). Os motivos para manter o governo são justamente a necessidade de aplicar os ataques sobre os trabalhadores, com os quais o PT já está comprometido.

Quem ceder a essa chantagem do PT para defender Dilma estará compactuando com os ataques desse governo aos trabalhadores, o pacote de Joaquim Levy, os cortes nas pensões, no PIS e seguro desemprego, a anunciada votação do PL 4330 que pode generalizar a terceirização e a precarização das relações de trabalho, as privatizações, o sucateamento dos serviços públicos, a entrega de mais de 40% para o pagamento da dívida

pública, a inflação, o desemprego, etc. É preciso reafirmarmos a necessidade de construir uma oposição de esquerda ao governo e ao PT, a partir das lutas concretas, contra a política econômica do governo e do capital.

CONTRA A FALSA POLARIZAÇÃO PT X PSDB

Somos contra qualquer defesa do governo do PT nesse momento (seria outro o caso se houvesse um processo real de golpe) e, ao mesmo tempo, denunciaremos a falsa polarização entre o bloco do PT e o da oposição patronal liderada pelo PSDB. Ambos os partidos estão comprometidos com o programa de ajustes exigido pelos grandes capitalistas. Para que a economia continue funcionando, do ponto de vista deles, é preciso rebaixar os custos, ou seja, arrochar os salários e rebaixar as condições de trabalho. Contam também com mais ajuda do governo, na forma de empréstimos às empresas, subsídios e isenções fiscais, por isso o governo tira dinheiro dos serviços que interessam aos trabalhadores, a saúde, a Educação, o transporte público, etc. Essas medidas de "austeridade" (e de generosidade extrema para os grandes capitalistas) são parte do programa da classe empresarial contra os trabalhadores, no Brasil e no mundo. Como disse um dos dirigentes da União Europeia: "Os governos podem ir e vir, mas os programas continuam a ser necessários" (www.publico.pt). Ou seja, qualquer que seja o governo no Brasil, do PT, PMDB ou PSDB, o programa será o mesmo.

Apesar da situação política, com manifestações contra o governo e



ameaças de impeachment sendo veiculadas, escândalos de corrupção, descontentamento geral da população, queda brutal da popularidade de Dilma e da aprovação do governo, desaprovação também do Congresso, partidos em geral e várias instituições, etc., entendemos que não está colocada uma crise da dominação burguesa. Ou seja, as instituições continuam funcionando, o Estado continua aprovando leis e medidas contra os trabalhadores, a repressão às lutas continua operante, a polícia e o judiciário continuam atacando as greves e lutas dos trabalhadores, etc. No dia a dia, a reprodução do capital, a ditadura dos patrões sobre os trabalhadores nos locais de trabalho, não está ameaçada. O grau de descontentamento já é muito grande, mas ainda não é suficiente para levar a mobilizações capazes de ameaçar a continuidade do sistema. Ainda temos que trabalhar para isso.

COMBATER AS IDEIAS CONSERVADORAS

Parte dessa batalha deve ser travada também na luta contra as ideias conservadoras e reacionárias. Essas ideias se espalham especialmente a partir da chamada "classe média", a pequena burguesia, pequenos empresários, comerciantes, profissionais liberais, funcionários públicos e assalariados de alta renda, maioria dos que estiveram nas ruas contra o governo no dia 15 de março. É essa camada social que enfrenta o endividamento, a diminuição de sua renda e, na sua extrema ignorância e cegueira individualista, culpa os pobres e o PT pela sua situação. Não querem perceber que o grosso da riqueza do país é desviado para o pagamento da dívida pública (45% do orçamento da União executado em 2014),



que vai cevar os bancos e especuladores, enquanto que a assistência social, ou seja, as bolsas, ficou com apenas 3,08% (dados da Auditoria Cidadã da Dívida).

São os bancos que estão empobrecendo o país, mas culpam os pobres. Para essa camada social, na sua versão da realidade, o PT é um partido de corruptos que se mantém no poder aliciando os pobres com bolsas. Por isso, insiste que é preciso remover o PT e todo tipo de ajuda aos pobres. Por isso também entende que é preciso se manifestar contra a corrupção, e contra todo tipo de "esquerdismo", que identifica com o assistencialismo, a ajuda aos pobres e minorias, cotas, etc. Esse é o pensamento da maioria dos manifestantes do dia 15. E entre eles, já há uma minoria que defende ideias de ultradireita e fascistas, como a defesa do golpe militar, da pena de morte, da redução da maioridade penal, do separatismo das regiões mais ricas, etc. E as seitas religiosas fundamentalistas, com suas ideias machistas, racistas e LGBTfóbicas, pegam carona nesse movimento.

A SAÍDA SÓ PODE SER DADA PELA LUTA DOS TRABALHADORES

Contra as ideias conservadoras, é preciso construir uma alternativa a partir da luta dos trabalhadores. A classe trabalhadora também se coloca em luta no cenário de crise econômica, tentando defender seus salários e condições de vida contra a inflação e os ataques dos governos. Várias greves estão em andamento no momento em que escrevemos este texto, como professores da rede estadual em São Paulo, Pará, Santa Catarina, entre outros e no dia 26/03 houve o Dia Nacional de Luta pela Educação. Os garís conseguiram uma vitória econômica e lutam pelo abono dos dias parados no Rio, e estão em greve no ABC e mais de 100 cidades do estado. Metalúrgicos da Volks/ABC e GM/SJC reverteram as demissões, assim como funcionários da Sabesp. Assim como essas categorias, somente por meio da mobilização o conjunto da classe conseguirá barrar os ataques dos patrões e do governo e as ideias reacionárias que se espalham. É preciso unificar as lutas das diversas categorias e construir um programa e organismos unitários dos trabalhadores.



✓ **Fora PSDB e seu Bloco, defensores do impeachment, fora fascistas e mídia golpista!**

✓ **Fora todos os exploradores! Unidade da classe trabalhadora!**

✓ **Por um plano econômico dos trabalhadores!**

✓ **Salário mínimo do DIEESE!**

✓ **Contra a inflação congelamento de preços e abrir as planilhas das empresas!**

✓ **Contra os cortes nas pensões e seguro desemprego!**

✓ **Direitos trabalhistas para todos, contra a terceirização e contra o PL 4330!**

✓ **Redução da jornada sem redução do salário, até que haja emprego para todos!**

✓ **Confisco do dinheiro dos sonegadores na Suíça! Taxação das grandes fortunas!**

✓ **Prisão de todos os corruptos e corruptores!**

✓ **Não pagamento da dívida e uso desse dinheiro para atender as necessidades dos trabalhadores em saúde, Educação, transporte, etc.**

✓ **Por um fórum de lutas antigovernista e antiburocrático!**

✓ **Construir a Greve Geral!**

✓ **Derrubar Dilma e qualquer governo burguês por meio da luta dos trabalhadores!**

✓ **Por um governo revolucionário dos trabalhadores baseado em suas organizações de luta!**

OS CORTES NA EDUCAÇÃO, AS CONDIÇÕES DE TRABALHO E NOSSA RESISTÊNCIA

SILAS SILVA E ZILAS NOGUEIRA



Não há quem não veja com preocupação as medidas de contingenciamento de verbas adotadas pelo governo do PT nesse ano, sob a batuta de Joaquim Levy. Versado em economia neoliberal na Universidade de Chicago e experimentado na prática por suas atuações no FMI, BID e Bradesco, agora intenta aplicar sua “receita” liberal ao Estado brasileiro.

Todos nós já sabemos, através dos noticiários, TV ou jornais, que serão realizados cortes em vários programas sociais e serviços públicos. E muita gente já tem sentido na pele essa política de retração da participação do Estado em importantes programas sociais e serviços públicos essenciais. Por exemplo, os que dependem do FIES para estudar estão angustiados com grandes incertezas nesse início de ano.

O Ministério da Educação deverá ser o mais afetado e poderá receber 7 bilhões a menos esse ano (<http://bit.ly/1x1xBZ1>). Chega a parecer piada ou provocação que Dilma tenha mudado o slogan de seu governo para “Pátria Educadora”.

A Educação pública federal (universidades e institutos tecnológicos) e, conseqüentemente, os milhares de alunos, professores e servidores técnico-administrativos também já estão sentindo o sabor amargo do neoliberalismo de Levy.

Várias universidades já se encontram em dificuldades. Vejamos alguns exemplos:

- Na UFRJ o Sindicato dos Técnicos Administrativos chegou a declarar que a universidade pode entrar em greve geral, pois simplesmente não há condições nenhuma de iniciar as aulas!
- Na UFABC a verba de custeio foi reduzida pela metade no ano de 2015 e pode trazer vários problemas à comunidade acadêmica como prédios mal mantidos, falta de equipamentos,

de condições de trabalho e muitos outros problemas.

- A UFMG divulgou, no dia 05 de Março, que terá R\$ 30 milhões a menos esse ano para arcar com suas despesas.
- Na UFAL mais de mil estudantes já estão convivendo com atrasos nas bolsas e incertezas quanto a assistência estudantil para esse ano.
- O auxílio transporte e moradia de estudantes da UFCG estão atrasados e cinco obras importantes foram adiadas na universidade.

Essas situações se repetem em universidades por todo país: Brasília, Bahia, Goiás, Sergipe, Ceará, etc.

Os Institutos Federais de Ensino também sofrem com a falta de verba. Atraso e suspensão de bolsas, redução de verbas para viagens e assistência estudantil são alguns dos problemas enfrentados atualmente. E a tendência é que esse ano fique ainda pior.

Some-se a isso a precariedade dos novos campi que estão sendo inaugurados sem a mínima estrutura e com grande número de professores substitutos, que exercem a atividade docente de maneira ainda mais precarizada. Tudo isso em nome de uma expansão irresponsável que visa apenas satisfazer interesses políticos locais. Na atual conjuntura, de contingenciamento de verbas, torna-se ainda mais dramática a situação dos IF's espalhados pelo Brasil.

O AJUSTE FISCAL DO GOVERNO É O CORTE DE VERBAS PARA OS SERVIÇOS PÚBLICOS

Isso tudo não é por acaso. Em 2015, 47% do Orçamento da União será destinado para juros e amortizações da dívida pública (<http://bit.ly/1bDrXYA>), enquanto que a Educação terá apenas 3,18% e a saúde, 3,98% (<http://bit.ly/1D8j7hI>). É roubo e espoliação declarados. Após 12 anos de governo do PT reafirmamos o que já dizíamos: um governo que se preocupa com os banqueiros e grandes empresários, mas nada com os trabalhadores e a população.

Para exemplificar um pouco mais: a área de Ciência e Tecnologia receberá apenas 0,43% do Orçamento da União. Que “Pátria Educadora” é essa que não investe na pesquisa para solucionar os diversos problemas que afligem a sociedade?

Para os funcionários dessas instituições, a realidade não é diferente. A política do governo federal, como afirmou o Ministro do Planejamento Nelson Barbosa na reunião com o funcionalismo público federal no dia 20 de março, é de congelar o salário dos SPFs e diminuir cada vez mais a participação destes no orçamento. Isso explica o avanço absurdo das terceirizações. Na UFABC, por exemplo, há cerca de 500 funcionários terceirizados que poderiam ser técnico-administrativos concursados. Muitos deles têm seus direitos trabalhistas cerceados cotidianamente, com falta de condições, salários atrasados, etc. Na saúde, o SUS tem 1 milhão de funcionários em todo o Brasil mas, 70% deles são terceirizados! (<http://bit.ly/1ngX6ph>)

O RESULTADO É A INTENSIFICAÇÃO DO TRABALHO E A PRECARIZAÇÃO DO ENSINO

Então, as condições de trabalho já estão difíceis em muitos locais com condições insalubres, equipamentos sem conserto e falta de produtos básicos e piorarão cada vez mais. Nessas condições, a estrutura administrativa e hierárquica do Estado, que começa no governo federal chega até as universidades e institutos através das reitorias, dos coordenadores e, finalmente, das chefias pressionam os técnico-administrativos e docentes que façam o seu trabalho sem as condições necessárias e com baixos salários.

O assédio moral, portanto, aumenta nesse contexto em que o funcionário é pressionado pelas chefias e por toda estrutura da administração. Ao funcionário é imputada a culpa dos resultados não atingidos, o que agrava ainda mais as condições desses

profissionais. Caso semelhante já acontece, em muito maior grau, com os professores de todo o país: enquanto a Educação padece com verbas cada vez menores e com as péssimas condições para os profissionais da área, com salas superlotadas e falta de recursos básicos, a mídia e o governo culpabilizam aqueles que justamente mais sofrem com essas condições: os professores.

Alguns ainda entendem que essa falta de verbas para Educação, que se refletiu nas universidades e institutos, é apenas uma situação temporária. Acreditam nas declarações dos representantes do governo de que todo esse problema é culpa do Congresso, que se atrasou para aprovar o Orçamento da União. Será?

Com três meses de atraso a lei orçamentária anual (LOA) foi aprovada no Congresso. E a previsão de corte nos gastos públicos é de R\$ 80 bilhões! Esse "arrocho" será necessário, segundo a presidente, para cumprir o superávit primário, dinheiro usado pelo governo para pagar juros da dívida pública. Recursos que vão, portanto, para grandes bancos nacionais e internacionais.

Interessante notar que essa mesma LOA, que vai retirar dinheiro de serviços públicos essenciais como Educação, saúde, transporte, etc. garante um aumento do Fundo Partidário (dinheiro público para os partidos políticos) de R\$ 289 milhões para R\$ 867 milhões!

Ao olharmos para estados e municípios perceberemos que a realidade é a mesma. Corte nos gastos públicos que afetam diretamente a Educação.

O governo Alckmin em São Paulo demitiu mais de 20 mil professores e lotou as salas de aula: há salas com 80 alunos em escolas sem as mínimas

condições de trabalho.

Em Alagoas o governador do PMDB, Renan Filho, cortou em 50% da já minguada verba anual da Universidade Estadual. Deixa a instituição que abriga centenas de professores e milhares de alunos sem condições mínimas para funcionar. O orçamento da UNEAL já era insuficiente para pagar até as contas básicas como luz e água e agora a situação chega a ser desesperadora.

Será quase impossível manter 32 cursos e 5 campi com 50% a menos de um orçamento que já pifio. Além disso o governador alagoano ainda demitiu todos os funcionários terceirizados responsáveis pela segurança das escolas e retirou o transporte de estudantes.

Nas cidades a realidade não é diferente. Em escolas municipais de São Bernardo do Campo, SP, a Secretaria de Educação substituiu refeições completas nas escolas por **pão com salsicha** sob a justificativa de mudança para prevenir a **obesidade infantil!** Em Maceió o atual prefeito barrou os aumentos regulares recebidos pelos professores e funcionários ligados a rede municipal de Educação, atrasou o décimo terceiro e se recusa negociar com a categoria.

A NECESSIDADE É DE ORGANIZAÇÃO E DE LUTA DE TRABALHADORES E ESTUDANTES

A saída para essa situação (a qual acreditamos que vai se agravar) não é outra senão a luta! Os trabalhadores e estudantes têm como única força a sua organização. Por isso, participar das lutas, das greves, das mobilizações, dos atos e organizações na universidade, na escola, na fábrica é a única forma de reverter esse quadro e fazer com que os governos,



os banqueiros e empresários paguem por uma crise que eles mesmos criaram.

Essa será uma batalha inglória e infrutífera se não compreendermos que essa situação é resultado da própria ordem sociometabólica do capital. "Luta de classes" não é uma invenção da cabeça de alguns militantes que escrevem para esse jornal, mas uma realidade. Os 47% do Orçamento da União destinados a uns poucos banqueiros enquanto que 3,18% destinados à Educação são simplesmente eventualidades? Compreender isso é fundamental para termos ciência de que somos parte de uma classe: a classe de trabalhadores, que são cotidianamente espoliados em favor da classe dominante, dos grandes capitalistas.

Somente nossa organização pode colocar em cheque essa estrutura e mudar radicalmente a sociedade. É necessário retomar o controle da produção para que esta esteja submetida às verdadeiras necessidades humanas e não aos imperativos dos lucros capitalistas. Nesse sentido, a classe trabalhadora precisa enfrentar os desafios e impor uma ofensiva socialista que tenha como objetivo a superação do capital e, conseqüentemente, de todas as suas desumanidades.

É POSSÍVEL ACABAR COM A CORRUPÇÃO NO CAPITALISMO?

Segundo algumas pesquisas o problema que mais levou pessoas para as ruas no dia 15 de março foi a corrupção. Indignados (nesse aspecto com razão) jogavam (nesse aspecto sem razão) toda a culpa pela corrupção que assola o país nas costas de Dilma e do governo do PT. Nenhuma faixa associava a corrupção no Estado brasileiro ao PP (partido com maioria dos investigados pela "Operação Lava Jato"), ao PMDB

ou ao PSDB, envolvidos nos escândalos das privatizações ou nos trens e metrô de São Paulo.

Na quarta, dia 18 de março, procurando responder "às vozes das ruas", Dilma apresentou algumas propostas que, supostamente, acabariam com a corrupção. Muitas dessas novas medidas são para penalizar servidores públicos como se fossem os responsáveis pela corrupção no aparelho estatal quando



sabemos que a maioria dos problemas estão nos cargos comissionados ou nas indicações políticas.

Junto com essas medidas veio a regulação da "lei anticorrupção", que estava parada desde janeiro de 2014. A "novidade" é a multa às empresas que

varia de 0,1 a 20% do faturamento. Mas, claro, se a empresa cooperar (com a chamada leniência) repondo o que foi desviado, as punições administrativas podem ser atenuadas e as empresas continuarão a contratar com o Estado.

E também, como era de se esperar, não foi estabelecido nada de concreto para agilizar os processos contra os que ocupam cargos políticos (como perda de mandato, etc), esses sim, os grandes articuladores da corrupção nos órgãos públicos.

Até os coniventes membros do Judiciário e da Procuradoria criticam as medidas.

Na apresentação das medidas o ministro da Justiça, Eduardo Cardozo, cinicamente, disse que "*é preciso investigar e punir corruptos e corruptores, de forma rápida e efetiva*". Perguntamos: é possível que o Estado capitalista tome medidas que de fato acabem com a corrupção?

CORRUPÇÃO E CAPITALISMO

Quem é minimamente informado sabe que corrupção não se restringe ao Brasil e muito menos aos políticos e àqueles que contratam com as empresas e órgãos estatais.

Dos partidos burgueses não escapa um, dos que compõem a base governista em Brasília (Mensalão, Petrolão e tantos outros), passando pelos Estados (como o PSDB e a roubalheira no Metro e CPTM em São Paulo) chegando até os municípios (fiscais do ISS em São Paulo), todos esses partidos estão envolvidos em vários escândalos pelo país afora.

Estados Unidos, países da Europa, Japão, China, Paraguai, Venezuela, Vaticano e um longo etcetera sempre aparecem no noticiário com o mesmo problema. E são envolvidos políticos, empresários, empresas, membros do alto escalão das forças armadas, policiais civis e militares, padres, pastores, etc.

E não é só com os que ocupam cargos políticos. Até na escolha da sede da Copa do mundo e das

Olimpíadas, quando deveria imperar o espírito esportivo, a corrupção corre solta com todo tipo de gente e em todos os países.

Como parte da campanha que a mídia burguesa faz contra tudo que é público, poupam as empresas privadas, mas sabemos que aí a corrupção também é algo comum e corriqueiro. Nos departamentos de compras das empresas têm as famosas "caixinhas, presentinhos ou bolas" para fechar as compras. Também encontramos a corrupção nas lojas, padarias, empresas, etc. quando não são expedidas notas fiscais.

Como se vê, a corrupção não é só brasileira, nem só de políticos e, muito menos, só ocorre nos espaços públicos. Assim, corrupção é de uma sociedade (mundial) em que a disputa e a concorrência mediam as relações e por consequência opõem interesses particulares aos interesses públicos e coletivos.

CORRUPTOS JÁ NASCEM CORRUPTOS?

Muitos tentam explicar a corrupção como se fosse algo próprio da natureza humana, de uma maldade natural dos homens (Hobbes). Outros somam a essa explicação algo próprio do povo brasileiro.

Para os marxistas, os homens não nascem corruptos (nem racistas, nem capitalistas, etc.) ou com aptidões naturais para a corrupção. Pelo contrário, é uma "educação" recebida da própria lógica de funcionamento da sociedade do capital, é mais um dos mecanismos utilizados para garantir a reprodução do capital. Não é por acaso que a corrupção ocorre exatamente nos espaços mercantis, onde se realiza a mais-valia, ou seja, quando o capitalista vai vender a mercadoria.

A existência de leis (em alguns lugares mais severas que em outros) contra a corrupção não visa acabar com ela, mas estabelecer regras e limites para sua ocorrência, que sem controle levaria ao caos a competição burguesa. Então, não nos iludamos de que a legislação, nos marcos da sociedade burguesa, vai acabar com a corrupção.

O CAPITAL TEM ÉTICA?

Escândalo atrás de escândalo tem provocado diversos tipos de reações,

especialmente, em um momento de corte de verbas públicas. Fica nas pessoas a sensação de que se esse dinheiro fosse investido na Educação, saúde, etc. poderiam melhorar. E como é muito dinheiro, de fato algumas coisas poderiam melhorar mesmo.

Mas, as propostas para solução desse grave problema que é a corrupção, devido ao nível de consciência social, recaem somente contra os governantes (e seus partidos) de plantão. O senso comum das pessoas propõe acabar com os partidos (PT, PSDB, PMDB, etc), o impeachment da Dilma, a volta da ditadura e tantas outras engenhosidades. Propostas que encontram eco principalmente nos setores mais reacionários.

Alguns, por oportunismo, como a direita que defende a volta dos milicos. Outros, por ingenuidade, acreditam que mudando as pessoas que ocupam cargos políticos ou do alto escalão vamos acabar com a corrupção.

Nós dizemos que não. A corrupção é própria do capitalismo e de sociedades em que há desigualdade e, portanto, competição.

Os capitalistas, apesar de possuírem muitos interesses comuns, quando estão no mercado opõem-se uns aos outros. Buscam melhores condições para venderem os seus produtos com uma acirrada competição com os demais capitalistas (no mesmo ramo e em ramos distintos), cada um utilizando os mais sórdidos instrumentos: aumento do nível de extração da mais-valia, sonegação fiscal e, claro, a corrupção.

Os cartéis (quando empresas combinam praticar preços acima do mercado), por exemplo, é um mecanismo de "burlar" a lei do valor, de praticar preços (não entraremos aqui na forma de transformação do valor em preço) com taxas de lucros acima da média, mesmo em um ambiente com níveis de tecnologia equivalentes.

A corrupção é, portanto, um processo social construído na sociedade capitalista, no qual os corruptos e corruptores "são empurrados" para a prática de corrupção como forma de viabilizar os seus negócios. É um mecanismo da lógica privada do capital em seus negócios com a sociedade. Objetivamente há uma impossibilidade de ser de outra forma.



Subjetivamente também podemos acrescentar outro elemento que é o fato de que os capitalistas, personificação do capital, não possuem nenhum nível ético em seus negócios. Como diz o ditado popular, é cobra engolindo cobra.

Então, a ética que regula as relações entre os capitalistas permite perfeitamente que em seus negócios se utilize os mais variados artifícios legais, ilegais, morais ou imorais para “ganhar” o mercado.

O capital procura tão somente lucro. Vender órgãos humanos se resultar em lucro, haverá quem venda; se traficar drogas der lucro (e é um dos negócios mais lucrativos do planeta) haverá quem traficará, isto é, são atividades ilegais, mas que nas leis do capital (concorrência, oferta e procura, etc.) vigem em sua plenitude. Um sistema social que tolera e convive com práticas como essas pode falar em ética?

A corrupção é inerente ao capital, de modo que lutar contra a corrupção e não lutar pelo fim do capitalismo é não desejar o seu fim definitivo.

MAIS-VALIA: A CORRUPÇÃO LEGALIZADA

Construindo uma prática de crítica radical ao capital não podemos semear ilusões de que seja possível acabar com

a corrupção em uma sociedade em que vigem as leis capitalistas. O controle que o Estado realiza sobre a corrupção não é ditado por leis e nem repressão judicial, etc., mas pelas leis que movem a constituição do valor das mercadorias e as consequências que derivam dessa relação.

A riqueza, concentrada nas mãos de poucos, exatamente dos muitos envolvidos em caso de corrupção, é oriunda da exploração do trabalho alheio. O que é a mais-valia senão o roubo de uma parte da jornada de trabalho alheia? É essa mesma dominação do capital sobre o trabalho que permite que a burguesia viva assim como parasita.

Para os analistas e juristas burgueses a apropriação do tempo de trabalho alheio (a mais-valia) não constitui algo reprovável porque há previsão legal, com se uma lei pudesse acabar com toda injustiça que esse ato carrega, ou seja, é uma corrupção legalizada.

MEDIDAS CONTRA A CORRUPÇÃO

A convicção de que a sociedade sob a hegemonia do capital não pode acabar com a corrupção não nos leva a ter uma postura de abstenção em relação ao problema, pelo contrário, cabe-nos demonstrar as propostas que temos.

Também temos a certeza,

exatamente pela convicção de que corrupção e capitalismo são irmãos siameses, que essas propostas não serão admitidas pela burguesia porque significaria colocar a corda no próprio pescoço. Somente aos trabalhadores interessa de fato a luta e uma sociedade sem corrupção, pois é uma forma de se reapropriar (em serviços públicos, por exemplo) de uma parte da mais-valia.

Assim, a luta de trabalhadores contra a corrupção deve ser independente da burguesia e de seu aparato judicial, incapazes de levar às últimas consequências essa luta. Essas propostas têm o caráter de ruptura e contribuem para que os trabalhadores desenvolvam a experiência com os governos e a burguesia.

Ø Estatização, sem indenização e sob controle dos trabalhadores de qualquer empresa (e seus dirigentes) envolvida em corrupção;

Ø Imediata perda de mandato dos cargos públicos para envolvidos em corrupção;

Ø Prisão e confisco de bens dos corruptos e corruptores;

Ø Fim da terceirização nos órgãos públicos, que as obras e serviços sejam realizadas pelos próprios trabalhadores e trabalhadoras.

OS PROFESSORES DO ENSINO PÚBLICO ENFRENTAM A AUSTERIDADE DOS GOVERNOS

Hoje no Brasil são inúmeras as greves que resultam de duas razões ao nosso ver: 1) o ajuste fiscal, com suas decorrências e a defesa da carreira docente. Já havíamos alertado sobre essa primeira razão na edição anterior de – 76 - Ajuste fiscal: efeitos na Educação Pública e na profissão docente – e que isso poderia ocorrer, como de fato ocorreu no caso do Paraná e vem ocorrendo em vários estados e municípios, com destaque para São Paulo, Pará, Curitiba e João Pessoa mas, é bem provável que estejam ocorrendo mobilizações em municípios médios e de pequena população. 2) estamos sentindo também a partir de nossa experiência prática na greve dos professores paulistas, o profundo sucateamento das escolas e a intensificação do trabalho do professor.

Os cortes e contingenciamentos de

verbas para Educação Pública dos governos estaduais de todo o país chegam a aproximadamente 30% de seus orçamentos. O mesmo ocorre com os municípios. A “Pátria Educadora” do governo federal cortou R\$ 7 bilhões do Ministério da Educação. Frisamos que esses cortes e contingenciamentos dos governos ocorrem independente da legenda partidária – PT, PC do B, PMDB, PSDB, PSB, etc. Nesse sentido, é evidente que essas greves são uma reação à política de ajuste fiscal brasileira, mas também pela defesa da carreira docente.

Os governos municipais, estaduais e federal estão desde 2008, a partir das consequências da crise capitalista, priorizando os interesses capitalistas das empresas, bancos, empreiteiras, agronegócio, dentre outros, bem como agindo para que os impactos dessa crise sobre os trabalhadores fossem, de certo



modo, encobertos para que estes não questionassem ou não se colocassem contra a ordem capitalista.

Os interesses capitalistas passaram então a receber inúmeros incentivos fiscais e financeiros. Aliás, as medidas neoliberais ou anticrise capitalista cumprem bem o papel de resguardar esses interesses. Os governos diminuem as verbas para os serviços sociais essenciais para atender aos interesses capitalistas.

Além disso tudo temos a dívida pública brasileira que abocanhará 47% do PIB nacional. E é claro que os estados e municípios não estão descolados desses problemas. Nesse momento, a adoção do ajuste fiscal, visa garantir a rolagem dessa dívida.

Com isso, para os trabalhadores de um modo geral sobrou o desemprego, ataque aos seus direitos históricos e congelamento de seus salários.

É preciso ser feito esse recorte histórico, para entendermos as consequências disso no funcionalismo público e, no nosso caso, como isso vem impactando as redes públicas de ensino a partir dos anos 1990.

ATACAR A CARREIRA DOCENTE PARA QUE SOBRE MAIS DINHEIRO PARA O EMPRESARIADO

A partir dos anos 1990, e aprofundado nos anos 2000, os governos de um modo em geral passaram a adotar uma série de medidas junto ao funcionalismo público, que causaram grande impacto em suas carreiras e ao mesmo tempo possibilitou uma diminuição muito grande, por parte dos governos, de gastos com despesa de pessoal.

No caso dos professores – mas não apenas estes –, a política de bônus/mérito entra em cena, individualizando a questão salarial e, com isso, a perda da isonomia salarial, de reajustes lineares a quem estava na ativa, e mais tarde, a retirada da paridade salarial entre ativos e inativos. Como consequência disso, os professores da ativa estão com uma defasagem salarial de cerca de 75%, se comparados com outras categorias, seja da iniciativa privada ou também do funcionalismo público.

Também vimos o surgimento dos contratos temporários. Nesse caso, para citar alguns exemplos, em São Paulo os professores categoria “O”, no Paraná, professores PSS, e em Alagoas, o professor monitor.

A centralização do currículo por meio do apostilamento retirou a autonomia didática, e com isso, a perda de cátedra do professor. Com essa centralização vem o monitoramento político do trabalho do professor, a partir de sistemas eletrônicos informatizados, como: a Secretaria Escolar Digital, na rede estadual de ensino público do estado de SP; o Sistema de Gestão

Pedagógica, no município de SP; o Sistema de Monitoramento de Conteúdo, na rede pública estadual do Pernambuco, entre outros.

Ataque às aposentadorias, com descontos de licenças médicas do tempo de serviço e ameaças de recálculo pra menos dos vencimentos da aposentadoria são medidas que já vêm ocorrendo na rede pública de São Paulo.

Além disso, há uma tentativa de transformar direitos históricos adquiridos em subsídios, neste caso, quinquênios e sexta-parte. Tentou-se isso no Paraná, onde os professores reagiram com uma greve de mais 30 dias, e no município de São Paulo também aventou-se isso.

Verificamos que com isso a carreira docente foi sendo constantemente atacada nas últimas três décadas. E com isso, houve uma economia muito grande com a folha salarial dos professores, sobrando mais dinheiro para atender às demandas dos interesses capitalistas.

É evidente que esse processo de ataques se deu de modo desigual nas redes públicas de ensino. No entanto, o fato de que hoje há um pacto entre todos os governos de indistintas legendas partidárias em torno desse projeto, faz com que essa ofensiva atinja todas as redes municipais e estaduais.

É por isso que presenciamos hoje no Brasil inúmeras lutas de professores das redes públicas contra o ajuste fiscal, e pela defesa da carreira docente. São greves duras, porque enfrentam um pacto governamental, mas que vêm ganhando força com a ousadia e coragem dos professores, bem como o apoio de pais e alunos.

A BUROCRACIA GOVERNISTA E DEMAIS CENTRAIS PELEGAS TÊM CULPA NO CARTÓRIO

A partir dos anos 90, a burocracia governista petista e cutista se afastou da teoria e dos referenciais de esquerda. Silenciaram-se ou calaram-se diante da ofensiva neoliberal, e buscaram se adaptar à ordem capitalista. Isso se agravou com a chegada destes a postos de governo, sobretudo, ao governo federal a partir de 2002.

Com isso, deixaram de impulsionar a luta política contra os ataques dos governos, passando a defender, em alguns casos, a política de bônus/mérito. Exemplo disso é a meta 7,36 do novo

PNE – Plano Nacional de Educação –, que permite avançar e aprofundar a meritocracia no ensino público brasileiro.

Além disso, compactuam com a política de ajuste fiscal adotada nesse país.

BUSCAR APOIO DE ALUNOS, PAIS E TRABALHADORES DE OUTRAS CATEGORIAS

Dados os limites colocados pela burocracia governista e demais centrais pelegas, precisamos enquanto campo antigovernista e anticapitalista – CSP-CONLUTAS, UNIDOS PARA LUTAR e INTERSINDICAIS – nos postar enquanto alternativa de luta. Nesse sentido, a diferenciação com o campo governista em assembleias e atos é muito importante para que os trabalhadores identifiquem uma alternativa de luta.

Nos locais onde estiverem ocorrendo greves e lutas, temos que antever os golpes da burocracia e buscar participar em comandos de negociação nas assembleias.

Também devemos dialogar com a população trabalhadora, para que assuma o controle social da Educação Pública e participar no Conselho de Escola e APM, avançando na luta em conjunto com os professores pela defesa da Educação Pública.

Um fato novo é o apoio que essa greve têm na sociedade. Em muitas escolas os alunos, por iniciativa própria, têm realizado atos e manifestações de solidariedade aos professores, reconhecendo que essa luta é também para mudar a situação das escolas, nas quais são eles uma das maiores vítimas.

Por isso que na greve dos professores paulistas temos buscado ampliar o apoio de pais e alunos à luta, bem como a participação nos atos regionais e na assembleia geral dos professores.

Outra batalha que pode fazer a greve ser vitoriosa é a realização de campanhas junto a outras categorias profissionais (metalúrgicos, construção civil, etc) para realização de atividades, como a paralisação da produção e/ou atos, de apoio aos professores em greve.

Nesse sentido, é urgente uma Plenária Nacional da Educação com sindicatos de luta, oposições e ativistas de esquerda para que se unifique essas lutas e construamos a greve geral nacional da Educação.

UMA NOVA FORÇA DA JUVENTUDE SE CONSTRÓI: CONSTRUINDO O COLETIVO PRIMAVERA SOCIALISTA!

Há algum tempo o Espaço Socialista vem contribuindo para fortalecer a luta da juventude reforçando, especialmente, a luta dxs jovens que estiveram atentxs e se mobilizam desde as Jornadas de junho de 2013.

Embora essas manifestações tenham sido importantes, apresentaram pautas confusas e, em muitos momentos, pouco compreendidas pela maioria. E, ao mesmo tempo em que estimularam muita energia, também resultaram em pouca organização e pouca luta cotidiana da juventude nos seus locais de trabalho e de estudo.

Com isso entendemos que mais do que participar de manifestações e atos, a juventude precisa construir o seu caminho, problematizar suas ações, compreender quais os interesses, de fato, estão em jogo nos momentos de enfrentamento e o que irá defender para fortalecer os interesses da classe social que faz parte.

Para isso, é fundamental a organização da juventude. É preciso, cada vez mais, construirmos diálogos, repensar conjuntamente a realidade que vivemos e o que sofremos e, a partir disso, construirmos espaços coletivos com as pessoas que somam forças e que se mostram dispostas a fazer um enfrentamento real pela transformação dessa sociedade.

Estudos, debates, análises críticas e programáticas testadas na prática diária contribuem para que a juventude da classe trabalhadora possa defender com todo o seu vigor, nos momentos de luta, um projeto de sociedade que promova de fato a igualdade social, ou seja, uma sociedade socialista!

Assim, depois de organizar



Desenho feito por um jovem do Coletivo Primavera Socialista

atividades temáticas e de formação política, promover ações nas escolas, universidades e ações conjuntas e cotidianas com os movimentos sociais (luta contra o aumento da tarifa, por exemplo), nós construimos a I Vivência da Juventude tanto em São Paulo como em Maceió.

Com isso, buscamos consolidar o comprometimento real de jovens que desenvolveram a compreensão política da necessidade de sua atuação aliado à percepção de que, além de tudo estar errado nessa sociedade, é necessário construirmos caminhos que levem à luta pela superação da desigualdade entre as pessoas e pelo fim da sociedade de classes!

A CONSOLIDAÇÃO DESSA LUTA

Também após um período de debates, experiências práticas e coletivas realizamos, em 14 de março último, a I Plenária Nacional do Coletivo e avançamos no perfil político de uma juventude combativa!

Foram necessários amplos e ainda insuficientes debates sobre a compreensão política e as tarefas do Coletivo. Com a importante diversidade de ideias e as contradições apresentadas nas reflexões, consolidamos um acúmulo que subsidia uma atuação em que busca mudanças reais e efetivas de nossa realidade. Também indicamos que apenas uma plenária não esgota as pautas e diretrizes para o Coletivo, afinal a compreensão política da atual conjuntura e do momento histórico das lutas requer muitos estudos, debates e ações cotidianas, as quais perseguiremos constantemente em nossa vida militante.

Colocou-se ainda como um ponto de destaque a preocupação com a formação teórica e política constante no Coletivo, que buscará estudar e se preparar para intervenções qualificadas no movimento social.

Nesse período realizamos várias atividades e estudos, nos quais indicamos análises, críticas e caminhos para avançarmos na luta. Frente a

essa realidade, nos definimos como anticapitalistas, pois compreendemos que esse sistema só fortalece um pequeno grupo de empresários, expropria a nossa força de trabalho e que, além dessa injustiça, utiliza várias estratégias para se garantir influente e se manter predominante buscando naturalizar essa desigualdade. Assim têm em suas mãos a mídia, a religião, o sistema jurídico, a polícia e o exército, garantindo ainda a repressão contra quem luta.

Assim, buscamos a alternativa de construir uma sociedade em que a democracia de fato exista, onde toda a classe trabalhadora que produz toda a riqueza possa decidir sobre o que produzir, quanto, como e sobre a distribuição para que o ser humano e o restante da natureza possam ser respeitados acima de tudo, ou seja, uma sociedade sem exploração e humana. Por isso nos definimos como anticapitalistas.

Daí deriva a importância de sermos antigovernistas, pois, os governos burgueses têm reforçado e intensificado a exploração para manter o lucro, como no Brasil. E daí também o fato de não acreditarmos no sistema de democracia burguesa (Câmara, Senado, etc.) que criam e aprovam leis que favorecem e reforçam esse sistema de exploração e de dominação. E daí a busca pela luta internacionalista e pela união da classe trabalhadora no mundo contra o imperialismo e pela revolução mundial!

Optamos em construir um tipo de militância no dia a dia e em todos os espaços onde estamos para contribuirmos com o desenvolvimento da consciência de classe entre a juventude e xs trabalhadorxs, contra todas as formas de exploração e opressão.

Nesse sentido, buscamos romper com todas as formas de preconceito e ressaltamos a luta contra o machismo, racismo, LGBTfobia e os demais preconceitos com os diversos grupos sociais oprimidos.

A FORÇA PARA TRANSFORMAR

Com tudo isso, a construção desse Coletivo expressa a necessidade do fortalecimento da unidade de jovens e trabalhadorxs nas lutas nos locais de

trabalho, de estudos, nas greves e nas ruas para enfrentar a burguesia e buscarmos colocar no horizonte a necessidade de construção da sociedade socialista.

O Coletivo expressa a necessidade de ruptura com o senso comum, com o consumismo imposto e que se choca com os nossos baixos salários e com o desemprego crescente. Expressa a nossa

disposição de utilizar o nosso tempo livre com algo que nos fortalece e a negação em enfraquecer nossas forças rodando nos shoppings das cidades ou vivendo somente de entretenimento.

Saímos das chamadas de nosso individualismo, rompemos os padrões impostos por essa sociedade desigual e, tortos e despojados pelas ruas, nascemos como Coletivo Primavera Socialista!



FORTALECENDO A GREVE DOS PROFESSORES DESDE A SALA DE AULA

Nas últimas semanas temos contribuído para o fortalecimento da Greve dos Professores do Estado de São Paulo por melhores condições de trabalho. Por um lado, o Governador Geraldo Alckmin deslegitima a luta dos professores, dizendo que não está tendo greve e que essa novela todo ano se repete. Por outro lado, o que tem surpreendido nessa greve é o movimento dos estudantes secundaristas. Muitos alunos têm acompanhado o Comando de Greve e se mobilizado pelas suas próprias reivindicações, apoiado a luta e juntado mais pessoas em favor da greve.

A Educação pública sofre a cada dia com o enorme sucateamento e descaso. E os problemas estruturais da Educação no Brasil demonstram o quanto a lógica capitalista tem sido imposta nas escolas. Estamos numa escola em que é imposta a progressão continuada que precisa de um tipo de aula e de um Caderno do Aluno (apostilas didáticas com conteúdo limitado e igual para todas as pessoas), que não consideram o nível de

conhecimento e sequer preparam para o tal mundo do trabalho - além de não haver material para todos. Em que as avaliações são distantes da realidade de alunos e professores. Onde a arquitetura prisional, as câmeras, a ronda escolar, heranças da Ditadura Militar, pressionam alunos e professores. Além da precarização e intensificação do trabalho do professor, que precisa ter muitas aulas por salário, do autoritarismo das direções que busca abafar a voz de alunos e professores.

E se não bastasse tudo isso, desde o fim do ano, o Governo do Estado, PSDB, tem cortado verbas destinadas a limpeza, materiais e pequenas obras. É mais do que nítido que em meio a crises econômicas os primeiros gastos a serem cortados são aqueles que envolvem a classe trabalhadora, como Educação, saúde, transporte ou lazer. Se já não temos investimento suficiente nessas áreas para termos serviços dignos, os cortes têm consequências áruas para nós.

As escolas são obrigadas a reafirmam

os discursos neoliberais na busca de parcerias com empresas privadas, que direcionam para a privatização do ensino público em benefício das escolas particulares e empresas. Isso explica, em parte, o controle que o Estado vem exercendo sobre professores, alunos e comunidade para que não discutam e entendam a destruição das escolas e a falta de diálogo com os professores. Afinal, mantê-la como um “depósito” para conter os problemas sociais e retirar das ruas crianças e adolescentes é a necessidade do sistema capitalista nesse momento e sob o domínio do Estado.

É assim, motivos para lutar não faltam e é por isso que a Greve também ensina. Professores dando o exemplo na luta e deixando esse legado para os alunos, que sentem cotidianamente na pele também a exploração e a opressão que o capital nos causa.

Todo apoio à greve dos professores desde a sala de aula até a participação no Comando de Greve e nas Assembleias Estaduais, juntos na luta!

MILITARIZAÇÃO DA INTERNET, VIGILÂNCIA E A ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA REPRESSÃO

THAIS MENEZES

O movimento socialista mundial aprendeu muito com seus clássicos ao longo da história, mas também deu prosseguimento ao entendimento da sociedade capitalista e de sua complexificação. O conceito de crise estrutural do capital, inaugurado por István Meszáros, tem grande destaque na medida em que identifica uma mudança de qualidade nas já antigas crises periódicas do capitalismo, que pós década de 70 têm como resultado um período de crises no qual a tendência geral é de queda da taxa de lucro. A crise estrutural do capital extrapola o campo

econômico, se transforma em uma crise de natureza societal e se concretiza na crise ambiental, energética, alimentar, cultural, ideológica e política.

A máxima “Socialismo ou Barbárie” se torna cada vez mais assertiva. Ao passo que a classe trabalhadora e suas organizações não avançam na velocidade necessária para responder às urgências da humanidade, a barbárie avança. Níveis de exploração, violência e controle inimagináveis e uma situação permanente e mundializada de sofrimento é o que o capitalismo reserva para a classe trabalhadora.

Com o avanço das telecomunicações, a complexificação e a difusão da internet a luta contra a barbárie capitalista ganham tanto mais facilidades quanto como obstáculos.

Já é batido dizer que com a internet temos maior informação. E quando se resalta o ponto negativo disso sempre se fala da “baixa qualidade” e da falta de procedência de toda informação disponível na rede. Mas, ignora-se o que de pior nos trouxe a era da internet: a vigilância.

O funcionamento da sociedade capitalista em si, com uma imensa

quantidade de produtos disponíveis em muitas de suas formas, tende a se estender cada vez mais pelos espaços virtuais (aplicativos de solicitação de serviços, produtos, propaganda, etc.). Mas, sobretudo, a luta pela manutenção de poder pela burguesia tende também a ocupar o espaço da internet com maior intensidade.

Da mesma forma que vemos os espaços públicos cada vez mais militarizados e vigiados, seria de uma estupidez sem tamanho que a burguesia deixasse o cyberterreno ser utilizado de forma livre. O mundo virtual, como extensão do mundo físico é expressão também material deste e por isso não ficará livre da dominação burguesa.

A MILITARIZAÇÃO DA INTERNET. PARA QUE PROIBIR, SE É MELHOR CONTROLAR?

Sim, uma rede entre governos e corporações espiona hoje tudo o que fazemos.

No passado se a espionagem era feita de forma direcionada (grupos específicos, potencialmente “perigosos”) e somente praticada por alguns países, como os EUA, Inglaterra e Rússia, hoje a situação mudou. A tecnologia tem avançado tão rapidamente que ficou relativamente barato para os governos investirem na monitoração e no armazenamento de informação em massa. Precisando de alguma ação específica sobre um grupo específico, basta recorrer aos dossiês que estão sendo acumulados, filtrá-los e os governos conseguem as informações de que precisam[1].

Como extensão do mundo físico, a internet nunca deixou e nunca deixará de expressar a indignação dos

trabalhadores com o rebaixamento das condições de vida e o endurecimento dos governos, cada vez mais necessários em escala mundial na fase atual do capitalismo. Nos últimos vinte anos, a internet tem se tornado de certa forma um pesadelo para os poderosos. Em 2008, no Cairo, um ato em defesa da greve dos trabalhadores da indústria têxtil de Mahalla al-Kobra, organizado pelo Facebook, surpreendeu o governo Mubarak e como resultado gerou o monitoramento, a perseguição, a prisão e até a tortura dos administradores da página April 6 Youh Movement. O manual “Como protestar de forma inteligente”, distribuído no início do movimento que derrubou Mubarak, recomendava que não fossem usados o Twitter nem o Facebook para organizar iniciativas contra o governo. Logo depois, foram cortadas a internet e o serviço de telefonia móvel para tentar conter as mobilizações.

Não é, portanto, à toa que o governo norte-americano patrocina iniciativas dentro do universo hacker e nelas se infiltra. Jacob Appelbaum relata a participação do Comando de Sistema de Guerra Navais e Especiais, um braço civil da Marinha norte-americana, no Collegiate Cyber Defense Competition, campeonato universitário de ciberdefesa dos Estados Unidos, que envolve estratégias de hacking ofensivo e defensivo. Isso sem entrar no debate dos órgãos internacionais de espionagem.

REDES SOCIAIS: OS CLIENTES SÃO OS GOVERNOS E AS EMPRESAS; O PRODUTO É VOCÊ!

A militarização é de grande interesse dos governos e corporações e invade também nossa vida privada, vigiando as nossas conversas com amigos, família e pessoas às quais somos intimamente ligados, como diz Julian Assange: “é como ter um soldado embaixo da cama”.

Em vez de se proibir a livre manifestação dos trabalhadores pela internet, basta para os governos incentivar o uso das redes e monitorá-lo, de forma que nunca se percam as rédeas.

Hoje, toda a comunicação que fazemos por internet ou telefonia celular é interceptada por organizações militares de

inteligência. Toda ligação telefônica, mensagem de texto (SMS), toda transferência de dados por conexão é armazenada. Corporações norte-americanas como o Facebook, por exemplo, alcançaram a capacidade de penetração quase que completa em populações inteiras de diversos países. O uso das redes sociais é fundamental para a formação de imensos dossiês armazenados pelos governos com o ajuda das empresas e contra nós, trabalhadores. O Facebook e o Google passam a ser braços auxiliares das agências de espionagem internacionais. Somos como produtos na vitrine para as empresas e governos. Como diz Jacob Apellbaum: a recompensa por fornecer tais informações são créditos sociais (amizades novas, autoestima, namoros, sexo).

Para auxiliar não só na repressão dos governos, mas também na manutenção dos lucros da classe proprietária, o Google funciona também formidavelmente. É de conhecimento de muitos que o seu uso permite que seja traçado um perfil do usuário, que possibilita que identifiquem com quem nos comunicamos, quais nossos interesses e quais nossas preferências pessoais gerais, incluindo posições políticas, sexualidade, etc. Basta notar que as propagandas ofertadas à você se alteram e aparecem de forma, cada vez mais, precisa e tenta se adequar aos interesses que manifestamos ao longo do nosso constante uso do sistema de busca. Chegamos ao ponto em que a publicidade não pode mais viver respeitando a privacidade.

Setores dentro do movimento Cypherpunk[2], que dominam bem este terreno, já encaram a internet nos dias de hoje como mais perigosa do que como uma chance de libertação. A discussão colocada é a da existência de uma fusão das estruturas estatais já existentes com a internet, resultando numa poderosa forma de vigilância para a manutenção do poder e da criação de novas formas de totalitarismo: “... engolindo sofregamente todo relacionamento expresso ou comunicado, toda página lida na internet, todo e-mail enviado e todo pensamento buscado no Google, armazenando esse conhecimento, bilhões de interceptações por dia, um poder inimaginável, para sempre em enormes



depósitos ultrassecretos...” (Julian Assange)

A “GUERRA AO TERROR” E SUA UTILIDADE POLÍTICA

Após o episódio das Torres Gêmeas, em 2001, uma série de medidas, já há muito almeçadas pelos setores mais influentes da burguesia mundial, saem do papel.

Com a cooperação de grandes empresas, a Agência de Segurança Nacional norte-americana (NSA) se envolveu em um escândalo ao ser descoberta utilizando-se de vigilância em massa sem ordem judicial após o 11 de Setembro. A prática transgrediu uma lei de 1978, a FISA (Lei de Vigilância para a Coleta de Inteligência Estrangeira).

O Patriot Act, por exemplo, é uma lei norte-americana, promulgada por George W. Bush, em resposta aos ataques às Torres Gêmeas, que atua no sentido de “unir as forças da América para interceptar e obstruir o terrorismo”. Além disso, existem as Cartas de Segurança Nacional (NSL), cartas que um órgão federal do EUA pode emitir exigindo a entrega de dados. Elas têm sido emitidas em quantidade crescente, nos últimos anos, sobretudo após 2001, para investigar tudo, menos o terrorismo.

Enquanto isso, a repressão cotidiana, as invasões permanentes e o controle de governos no Oriente Médio, além do genocídio institucionalizado, seguem sendo políticas permanentes do governo dos EUA e que se aprofundam a cada ano. Ataques legais de drones (robôs de guerra, monitorados à distância) já foram inclusive autorizados por Obama, como no escandaloso caso do assassinato do menino Abdulrahman al Awlaki, de 16 anos, no Iêmen, filho de Anwar al-Awlaki, membro da Al-Qaeda. A eliminação à distância se torna uma dura realidade. E a humanidade segue...

CONHECIMENTO E PROTEÇÃO PARA OS TRABALHADORES, CONTEÚDO LIVRE E CRIPTOGRAFIA

O acesso ao patrimônio cultural, tecnológico e científico da humanidade é de suma importância, não só para termos uma vida menos infeliz ou mais confortável, mas também para a luta pela derrocada, do que torna nossas vidas tão desconfortáveis e infelizes, esse sistema de exploração. O combate ao compartilhamento livre de conteúdo

existe já há algum tempo e aparece por aí na tentativa de implantação de leis e no discurso “politicamente correto” antipirataria. Basta lembrar que os EUA se envolveram em uma grande batalha vitoriosa pela aprovação do tratado internacional chamado SOPA (Stop Online Piracy Act) e que o debate do ACTA (Anti-Counterfeiting Trade Agreement) ainda não se fechou na União Europeia. Outras ameaças do tipo continuam a rondar as discussões internacionais.

Qualquer tipo de tentativa dos trabalhadores em conhecer os bastidores da programação e do compartilhamento de informações que não esteja a serviço do lucro da patronal será condenada e se possível criminalizada. O discurso antipirataria, por exemplo, tem aparentemente o objetivo de proteger a indústria cultural. Mas, está muito além disso. É centralmente para combater o necessário e tentar nos afastar do conhecimento e da autonomia que os sistemas oferecem como o Peer-to-Peer, por exemplo (sistemas e compartilhamento descentralizado, como os torrents) e nos afastar da ideia comunitária que carrega o seu uso e difusão e da ideia de cultura como patrimônio gratuito da humanidade.

Da mesma forma, a criptografia, proteção das mensagens por cidadãos comuns, foi atacada na década de 1990, mas conseguiu resistir e hoje é utilizada por movimentos de hackers pelo mundo todo, inclusive para alcançar e disseminar denúncias de governos e empresas. Como destaque temos o caso do Wikileaks, no projeto Cablegate, que vazou 251.287 comunicados diplomáticos provenientes de 274 embaixadas dos EUA pelo mundo, causando o endurecimento contra a criptografia, a perseguição, prisão e até tortura dos envolvidos na denúncia.

Um universo paralelo, mas de muita importância tanto quanto nosso bom e velho mundo físico se desenvolve enquanto continuamos vivendo nossas vidas. É um mundo complexo de vigilância permanente que não podemos ignorar. O capitalismo ainda não foi derrubado, enquanto isso, suas formas de manutenção



se aperfeiçoaram. É preciso termos uma atuação revolucionária à altura dos desafios de hoje, atualizada, que utilize de toda e qualquer ferramenta necessária.

Falar sobre este tema é uma alerta de que é preciso que tomemos parte desses fatos e desse debate. Esse debate interessa aos hackers, setor policlassista e em sua maioria limitado ao debate da liberdade dentro do capitalismo, mas precisa interessar também aos marxistas. Precisamos apreender o que de melhor existe da tecnologia e desenvolver técnicas de sobrevivência que auxiliem no avanço da organização e defesa dos trabalhadores. Fazemos esse chamado aos camaradas. Avancemos, por todos os campos que pudermos contra a burguesia internacional e suas organizações, até sua definitiva derrocada.

[1] Ver “The Spy Files”, denúncia do WikiLeaks de dezembro de 2011 em: (<http://eikiLeaks.org/the-spyfiles.html>).

[2] Movimento que defende a utilização da criptografia e de métodos similares para provocar mudanças sociais e políticas. Criado no início dos anos 1990, atingiu seu auge durante as “criptoguerras” e após a censura da internet em 2011, na Primavera Árabe. Um de seus lemas é “privacidade para os fracos, transparência para os poderosos”.

Este jornal é editado mensalmente sob responsabilidade da coordenação nacional do Espaço Socialista. Os textos assinados não necessariamente expressam a opinião da organização.

CONTATOS

www.espacosocialista.org
espacosocialista@hotmail.com

SIGA-NOS NO FACE

facebook.com/espacosocialista1